

## RESUMOS

**Liampó nas Relações Sino-Portuguesas entre 1524 e 1541 e a Escudela de Pêro de Faria**

A “Escudela de Pêro de Faria, de 1541” é uma peça importante para reconstituir as relações sino-portuguesas (até as relações sino-nipo-portuguesas entre 1524 e 1541) em e através de Liampó. O período de 1521/1522 a 1540 é uma fase bastante obscura, sem documentação sistemática nem nas fontes portuguesas nem nas chinesas. Foi nestas circunstâncias que surgiram as peças de encomenda em porcelana chinesa com uma inscrição alusiva a 1541, do segundo mandato de Pêro de Faria. Dessas encomendas conhecem-se hoje apenas três peças. Este estudo incide apenas sobre a que se encontra no Museu Rainha D. Leonor, Beja, peça omnipresente nos catálogos de exposições sobre os Descobrimentos Portugueses e as relações sino-portuguesas. Esta peça “azul e branco” originária de Jingdezhen, a chamada “capital da porcelana” da China, testemunha que entre 1521 e 1540 havia movimentos comerciais não-oficiais entre a Índia Portuguesa e o litoral do Sul da China. É de salientar que o Português é a primeira língua ocidental a ser gravada na porcelana chinesa, apesar de anteriormente a estas peças personalizadas encomendadas pelos Portugueses já haver objectos com inscrições em sânscrito, árabe, tibetano, entre outras línguas.

[Autores: Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, pp. 7-19]

**Os Presentes e as Ofertas nas Relações Diplomáticas entre a Indonésia e Portugal**

Trata-se de um ensaio interpretativo que aborda as relações diplomáticas entre Portugal e os sistemas de estado pré-coloniais do arquipélago indonésio e o papel dos presentes e das ofertas nessas relações durante os séculos XVI e XVII. Não existe muita literatura escrita sobre este tema específico dos presentes e das ofertas ou sobre as várias questões interculturais que esta análise gera. Os primeiros e sugestivos comentários avançados neste artigo baseiam-se na análise de fontes portuguesas e indonésias, documentação publicada, relatos pessoais e literatura secundária. Este tema é abordado a vários

níveis. O primeiro dos quais é o heurístico e caracteriza, em geral, a frequência, o objectivo, o resultado das ofertas e os presentes envolvidos nas missões diplomáticas oficiais e informais portuguesas na região durante o período. O segundo é mais específico, mas mais abrangente e conceptual nas suas implicações. Discute a natureza prática e simbólica dessas trocas, comentando as ramificações práticas e políticas, bem como o significado cosmológico e o simbolismo dos presentes e da oferta de prendas aos governantes indonésios, bem como a sua cultura material. Incidindo na análise das missões diplomáticas portuguesas – os presentes e as ofertas –, procura o equilíbrio entre as perspectivas portuguesas e indonésias. [Autor: George Bryan Souza, pp. 20-32]

**Navios, Mercadorias e Embalagens na Rota Macau-Nagasaki**

Uma das mais curiosas consequências do encontro dos portugueses com o Japão foi o desenvolvimento de um conjunto de produções artísticas nipónicas de influência ocidental. Avultam neste contexto os célebres biombos *namban* produzidos pela escola de Kano, de que se conservam hoje cerca de sessenta exemplares. Neles se retrata repetidamente, com detalhe e com rigor, a chegada da grande nau lusitana a Nagasaki e o desembarque de uma tripulação colorida e multicultural, acompanhada por uma miríade de caixas, potes, arcas e embalagens, que conteriam todos os novos e exóticos produtos trazidos pelos recém-chegados europeus. Neste trabalho, ensaia-se o confronto de todos esses coloridos e elaborados contentores (a partir de alguns biombos conservados em Portugal) com as listas conhecidas de mercadorias que os portugueses transportavam de Macau para o Japão a bordo dos seus navios. Esta modesta contribuição para uma renovada leitura das conhecidas obras de arte nipónicas é acompanhada de elementos informativos que contextualizam a chegada dos portugueses ao Japão e os diversos andamentos do relacionamento mercantil que se desenvolveu ao longo do chamado século cristão japonês.

[Autor: Rui Manuel Loureiro, pp. 33-51]

**Macau, Pólo Fundamental para a Difusão do Gosto e Estética Chineses na Europa e Brasil**

Este artigo pretende apresentar algumas questões para reflexão sobre o impacto da influência chinesa no quotidiano das camadas cultas das sociedades europeias e coloniais, em especial do Brasil, através do comércio de produtos preciosos chineses nos séculos XVI ao XVIII. Com a descoberta da Rota do Cabo de Boa Esperança e a sua extensão aos mares da China, os Portugueses começaram a vender na Europa uma imensidão de produtos preciosos chineses (sedas, porcelanas, jóias, produtos medicinais...). Macau foi a única porta oficial para o comércio europeu com a China até à abertura de Cantão ao comércio estrangeiro. Os estabelecimentos europeus em Cantão vieram intensificar a difusão dos modelos chineses na Europa. De que forma o comércio português e europeu de produtos chineses influenciou um novo gosto e mentalidade das elites, quer na Europa, quer nas suas colónias? Esta influência foi multifacetada e afectou vários campos culturais, da pintura à arquitectura, do mobiliário à jardinagem, ficando conhecida por *chinoiserie*. O que nos leva a propor a revisão da periodização tradicional da *chinoiserie*, de forma a integrar o século XVI como primeiro período da difusão da cultura chinesa na Europa e América da Época Moderna. Este período de contactos portugueses pode ainda ser subdividido em dois períodos: antes e depois da fundação de Macau.

[Autor: Rui d'Ávila Lourido, pp. 52-70]

**O Pavilhão das Peónias. Um Encontro entre Ocidente-Oriente e Norte-Sul**

A visita de Tang Xianzu (1550-1616) a Macau é provavelmente responsável pela dinâmica Ocidente-Oriente e Norte-Sul da peça *Mudan Ting (O Pavilhão das Peónias)*, concluída em 1598. Sendo contemporâneo de William Shakespeare (1564-1616), Tang Xianzu é considerado o mais talentoso dramaturgo da dinastia Ming e um dos maiores dramaturgos da história da literatura chinesa. Quando foi despromovido e enviado para a província de Guangdong, teve

## RESUMOS

a oportunidade de visitar Macau, em 1591. Incorporou habilmente a sua experiência “sulista”, em especial as suas impressões sobre Macau, na peça *O Pavilhão das Peónias*. Na cena 21, “Uma audiência com o Embaixador”, Macau é descrito como um local cheio de tesouros maravilhosos. Notavelmente, a peça associa um enclave ocidental ao Império do Meio de uma forma holística. Esta peça é uma história de amor estranha e fantástica sobre Du Liniang, a filha de um magistrado de Nan’an, na província de Jiangxi, e de Liu Mengmei, um letrado inteligente da província de Guangdong. Tang Xianzu percorre, assim, o país, tecendo um casamento exógamo entre súbditos do Norte e do Sul da China. A peça centra-se numa paixão misteriosa, mas descreve igualmente o encontro entre Ocidente-Oriente e Norte-Sul.  
[Autor: Christina Miu Bing Cheng, pp. 71-89]

### Macau na Literatura Inglesa

O início da representação de Macau na literatura inglesa data do século XVI, em antologias de literatura de viagens como as de Richard Hakluyt, fenómeno que se acentua no romance inglês a partir da fundação de Hong Kong (1841), mas sobretudo no século XX. As imagens de cariz realista da Cidade do Santo Nome de Deus de Macau presentes na literatura anglófona aproximam-se de referentes extratextuais que o leitor informado reconhece como específicos desse pitoresco espaço histórico, como revela a análise desses textos literários com base em documentação histórica e inúmeros relatos de viagem, de forma a estudar quer a ficcionalização das relações anglo-portuguesas e luso-americanas, bem como a presença anglófona no Sul da China entre os séculos XVII-XX quer a inter-relação entre História e Literatura no que diz respeito à representação literária de Macau nas literaturas de língua inglesa.  
[Autor: Rogério Miguel Puga, pp. 90-105]

### Abordagem à Economia Política e Relações Comerciais de Macau em Meados do Reinado de Qianlong e do Período Pombalino

Seguindo a linha de investigação de um historiador de Macau, este estudo examina um conjunto de registos

dos “riscos” e de outros documentos originais, publicados no intuito de revelar aspectos dos laços comerciais de Macau durante a rápida ascensão do Marquês de Pombal, em Portugal, período que corresponde, na China, a meados do reinado de Qianlong. Esta investigação traz à luz alguns detalhes sobre o destino de viagens comerciais feitas a partir de Macau, os empréstimos que as financiaram e alguns dos personagens com elas relacionados. Um segundo objectivo é o de abordar estas actividades comerciais no contexto da situação política em Portugal e na China e no ambiente de segurança mais alargado em que a rede comercial se desenvolveu. Aborda ainda a questão de como, nas condições longe de perfeitas do mundo pré-moderno, circunstâncias não relacionadas com o mercado desempenharam, por vezes, um papel muito mais importante no traçar da direcção deste comércio do que factores económicos racionais. Dada a actual ressurgência económica da China, Macau, esta Cidade do Nome de Deus, pode talvez inspirar-se no período em que teve uma herança especial de Portugal e um relacionamento único com China, traçando o seu próprio caminho para a sobrevivência e para um novo papel no século XXI.  
[Autor: Teddy Sim, pp. 106-120]

### Estratégias Holandesas e o Estado da Índia

As acções holandesas na Ásia eram orientadas por um misto de estratégias de negócios e de guerra. Este trabalho analisa a forma como os objectivos e estratégias da Companhia das Índias Orientais se entrelaçaram, onde falharam e onde e quando foram bem sucedidos. Ao invés dos portugueses que controlavam os fretes, com as suas viagens reais, de concessão e seu sistema de cartazes, os holandeses foram directamente às fontes de abastecimento, tentando obter o monopólio da compra. A guerra e a pirataria, considerada como meio legal de guerra, contra os Ibéricos, foram de início suportadas fortemente pelos Estados-Gerais das Províncias Unidas. Para estabelecer estes monopólios, os holandeses tiveram que fazer a guerra não apenas contra os portugueses e espanhóis mas também contra as populações indígenas. Cerca de 1621 a população das ilhas

de Banda estava quase extinta, sendo substituída por burgueses holandeses e mão-de-obra chinesa. O acesso ao comércio da canela em Gale foi alcançado em 1640, mas apenas com a derrota de Macassar, em 1647, foi obtido o controle sobre o comércio moluquense de especiarias. Foram necessários cerca de cinquenta anos de guerra e, após estes, outros trinta de diplomacia para terem livre acesso ao comércio na China. Até 1636, em contraste com as confrontações directas luso-holandesas na Ásia, o impacto da agressão holandesa sobre o comércio do Estado da Índia, da Carreira da Índia ou mesmo dos comerciantes portugueses foi limitado. Muito mais significativas foram as manobras políticas no Extremo Oriente e a ‘diplomática’ intrusão holandesa onde os comerciantes-marinheiros holandeses puderam ganharam a simpatia que os portugueses tinham perdido. Como todas as organizações, a VOC teve os seus estratégias de negócios e os seus bélicos ‘construtores de impérios’ como os governadores-gerais Jan Pietersz. Coen, António van Diemen e Rijckloff van Goens, cujos esforços foram essenciais ao seu sucesso.

[Autor: Ernst van Veen, pp. 121-131]

### O Pe. Álvaro Semedo e a sua Relação da Grande Monarquia da China

Álvaro Semedo, conhecido na China por Xie Wulu, e mais tarde por Zeng Dezhaio, foi um jesuíta português e um dos pioneiros da sinologia ocidental que viveu na China durante mais de trinta anos. Durante a sua estada na China manteve contactos íntimos com todas as camadas sociais chinesas e familiarizou-se com as práticas culturais locais. Entre 1637 e 1640 escreveu uma obra bem informada sobre a realidade chinesa – *Relação da Grande Monarquia da China* –, que viria a ser traduzida em diversas línguas. O presente texto pretende fazer uma apresentação da vida do Pe. Álvaro Semedo e da sua extensa *Relação* que trata todos os aspectos culturais da dinastia Ming, recordando a sua importante contribuição histórica no processo de conhecimento e divulgação da cultura chinesa junto do mundo ocidental durante o século XVII.

[Autor: Zhang Minfen, pp. 132-140]